

REVITALIZAÇÃO DO PARQUE PALMITAL CHAPECÓ/SC

Raul Carlos Carrilho¹
Vanessa Scopel²
Alex Marcos Bedin³

RESUMO

O presente trabalho tem como principal tema o estudo do Espaço Público. A necessidade do projeto envolve a carência por espaços de lazer no município de Chapecó - SC e destaca a importância do acesso a equipamentos de cultura e lazer de qualidade, uma vez que esse direito está diretamente relacionado ao exercício da cidadania. Tem como objetivo geral o estudo para elaboração de um anteprojeto arquitetônico, paisagístico e urbanístico de revitalização do Parque Palmital Magro, localizado no município de Chapecó – SC. Os métodos utilizados foram estruturais científicos, explanando a importância dos parques urbanos, conceitos de cidadania, vitalidade urbana e produção democrática dos espaços. Em seguida, foram analisados os estudos de caso de projetos referenciais e estudo do local de intervenção e entorno, com aplicação de questionários aos possíveis usuários do parque, de modo a entender as deficiências e potencialidades do local, visando fornecer embasamento para elaboração da proposta de revitalização, com programa de necessidades, fluxograma, organograma e estudo de manchas, de forma a atender os anseios e demandas locais. As decisões projetais visam criar um espaço de vitalidade, social e democrático, melhorando as condições do Parque e proporcionando a melhoria da qualidade de vida de todos que utilizarem dessa estrutura, assim fazendo-se cumprir o direito do cidadão de acesso ao lazer. Espera-se com esse trabalho a conscientização da importância da revitalização dos espaços públicos, com aplicação de métodos que possam garantir a apropriação e zelo, fazendo com que esses deixem de ser espaços promotores de práticas ilícitas e do sentimento de insegurança e passem a cumprir sua função social para a sociedade.

Palavras-chave: Revitalização Urbana. Parque Palmital Magr. Parques Urbanos.

1 INTRODUÇÃO

Com o avanço e desenvolvimento das cidades, torna-se necessário o aperfeiçoamento dos espaços públicos que são locais importantes para a qualidade de vida da sociedade. O município de Chapecó destaca-se como a capital do Oeste devido ao seu desenvolvimento em diversas áreas. Essa realidade gera a necessidade de equipamentos públicos e de melhores condições dos mesmos, além da ampliação das áreas livres para o uso da população.

Por conta da carência de espaços de lazer, principalmente em lugares com vulnerabilidade social acentuada, a rua passa a exercer esse papel. É no meio da rua que as

¹ Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo – Uceff Faculdades. raulchapeco@gmail.com.

² Docente e orientadora, Arquiteta e Urbanista – Uceff Faculdades. vanessa.scopel@uceff.edu.br.

³ Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo, UCEFF Faculdades, Chapecó – SC, alexbedin@uceff.edu.br.

peças para conversar e estreitam os laços da convivência, que as crianças brincam e fazem suas corridas com carrinhos de rolino ou empinando pipas. Nesse cenário, a sociedade desse meio transforma a rua no espaço de socialização de que tanto necessitam (MARQUE, 2001 apud LOBODA; DE ANGELIS, 2005, p. 136).

Como afirma Benevolo (1993), existe a necessidade de espaços livres apropriados para as atividades de recreação, sendo esses distribuídos por toda a cidade, na área verde perto das casas, nos parques dos bairros e até nas grandes áreas protegidas. Ainda que as cidades, no geral, possuam áreas verdes e espaços públicos no qual a população possa aproveitar o contato com a natureza e momentos de lazer, são poucas as que apresentam esses espaços de forma organizada e estruturada, fazendo com que não passem de apenas locais dispersos na malha urbana e sem cumprir com suas devidas funções (LOBODA; DA ANGELIS, 2005).

Sendo assim, promovendo a integração entre o ambiente, buscando o lazer e a diversão, o parque público colabora para a sustentabilidade e a qualidade de vida da cidade, na medida em que a população tenha acesso a um parque de qualidade e tenha incentivo para utilização desses serviços. A eficiência e qualidade destes locais deve ser observada como um todo, levando-se em conta a área onde ele está inserido, devendo este ser um local confortável, seguro e acessível para todas as pessoas. Sendo assim optou-se como tema principal o melhoramento do Parque Palmital, localizado na cidade de Chapecó – SC.

O presente trabalho tem por finalidade desenvolver um levantamento e pesquisa teórica almejando um anteprojeto com a finalidade de Revitalização do Parque Palmital na cidade de Chapecó – SC, em que serão considerados aspectos físicos do local, características climáticas, tradições culturais e público alvo, tendo como premissa que cada comunidade tem suas especificidades e por isso é necessário compreender que muito além do conceito de espaços livres para lazer, parques urbanos são instrumentos para o exercício da cidadania.

Visto que a realidade do Parque Palmital Magro é de um espaço público destinado ao uso para lazer e recreação, mas se mantém através do descaso, tanto do poder público quanto da sociedade, sendo um local constantemente vandalizado, surge uma problemática: **como melhorar esse espaço público através de estratégias eficazes a fim de que a sociedade se aproprie e venha a zelar pelo local, fazendo deste um instrumento para a promoção de lazer, saúde e educação?**

Considerando esta problemática, a pesquisa tem como objetivo principal estruturar estratégias para desenvolver uma proposta de anteprojeto arquitetônico e urbanístico preliminar de Revitalização do Parque Palmital, localizado na cidade de Chapecó – SC. Através dos

objetivos específicos buscou-se compreender a função social do parque urbano, analisar modelos arquitetônicos, paisagísticos e urbanísticos de espaços públicos projetados que venham a contribuir para proposta de revitalização, avaliar as condicionantes físicos e sociais da área de estudo e entorno, e propor um programa de necessidade para uma intervenção que garanta a apropriação integral por parte da sociedade.

Por meio da revitalização do Parque Palmital Magro, tem-se a oportunidade de mudar o cenário atual, devolvendo a real função do parque urbano e assim suprir a carência de áreas livres para o lazer, proporcionando maior qualidade de vida para a população inserida no bairro. “De acordo com os arquitetos urbanistas, o grande destaque presente nas propostas de revitalização está na própria gênese da palavra: devolver a vida, a vitalidade, revitalizar uma área” (MORAGAS; MORAGAS, 2007, p.12).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa foi fundamentada em diferentes autores que explanam acerca do tema proposto, com o intuito de compilar informações e conhecimentos que sirvam de base na concepção do anteprojeto arquitetônico, urbanístico e paisagístico de Revitalização do Parque Palmital Magro. Cabe inicialmente a compreensão do que é espaço livre e como o parque urbano se insere nesse conceito, elucidado sua questão histórica e função social enquanto espaço público, explanando desde a perspectiva mundial dos parques urbanos até chegar ao objeto de estudo na cidade de Chapecó – SC, justificando a escolha do Parque Palmital Magro mediante análise da sua configuração sócio espacial.

Por conseguinte, evidencia-se o potencial do espaço público como um fomentador da vida social, relacionando o parque urbano ao exercício da cidadania, o qual trata do conjunto de direitos e deveres, não deixando de explanar toda problemática relacionada a implantação e apropriação do parque urbano, tanto pela sociedade quanto pelo poder público. Apresentam-se por fim os princípios norteadores para garantir o cumprimento da função social dos parques urbanos, buscando clareza em assuntos como a vitalidade urbana e produção democrática do espaço público, tomando-os com estratégias para formulação da proposta almejada.

2.1 SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES

Sobre o tema espaços livres cabe inicialmente elucidar seus conceitos. Magnoli (2006, p. 179), considera espaço livre como “todo espaço não ocupado por um volume edificado [...] ao redor das edificações e que as pessoas têm acesso”. Enquanto Magnoli (2006) trata o espaço livre como não edificado, Macedo (2012) desassocia o conceito de espaço livre e área verde:

O conceito de espaço livre na cidade normalmente está associado ao das áreas verdes e aos jardins urbanos. No entanto, sua definição o qualifica apenas quanto a sua condição de não confinamento, [...], podendo a ele eventualmente serem agregados outros adjetivos. (MACEDO, 2012, p. 92).

Segundo Sun (2008), os espaços livres da cidade são constituídos por praças, ruas, jardins, parques, entre outros, que não necessariamente se apresentam verdes pois refletem o ideal de vida urbana conforme o momento histórico ao qual foi concebido. Essa variação de características físicas do espaço livre também é citada por Hijioka et al. (2007, p. 119): “o espaço livre pode ser verde (com vegetação), pode ser árido, pode ser alagado e assim por diante”. Mas independente da característica física, esses espaços tendem a acompanhar a evolução das cidades, suas funções, aparências e delimitações, as quais muitas vezes são alteradas e/ou sobrepostas, pois sua função original nem sempre atende às necessidades atuais (SUN, 2008). O espaço temporal também é citado por Dumazedier (1976), afirmando que o espaço enquanto sua delimitação, equipamentos e utilização, pode variar com o tempo.

Em relação ao sistema de espaços livres, abordado no próprio título, trata-se do conjunto de todos os espaços livres da malha urbana com sua distribuição, conexões e inter-relações. A formação desse sistema pode existir decorrente do somatório de intervenções locais, sem um planejamento e um controle ou ser totalmente ou parcialmente planejadas, como é o sistema de parques de Curitiba e o conjunto de áreas reservadas no Plano Diretor de Porto Alegre, no entanto, a imensa maioria de sistemas livres das cidades é proveniente do somatório de áreas sem nenhuma organização espacial (HIJIOKA et al., 2007).

No contexto de Chapecó – SC, foram estabelecidas algumas áreas para a criação de um sistema de espaços livres dentro do Programa de Requalificação da Paisagem Urbana e Natural, incluso no Plano Diretor de Desenvolvimento Territorial de Chapecó – PDDTC do ano de 2004, porém, nunca implementado. Já no Plano Diretor de preempção para implantação de parques urbanos, se apresentam fora das áreas urbanas já consolidadas e sem conexão a um sistema de espaços livres. (VALENTINI, 2015).

Nota-se que no PDDTC de 2004 a real intenção de criar conectividade entre os espaços livres, como praças, parques e áreas ambientais, a partir da implantação de ciclovias e corredores verdes. Já em relação a proposta do PDC de 2014, tem-se uma redução da área

destinada a possíveis parques, além de serem caracterizadas como áreas ambientais sensíveis, tais como banhado, vegetação nativa e APPs. Desse modo, percebe-se que, na revisão de 2014, houve retrocessos quanto a estruturação de um sistema de espaços livres na cidade de Chapecó, embora nenhuma tenha saído do campo teórico (NASCIMENTO; VELELLA, 2017).

2.2 PARQUES URBANOS

“Os parques surgem a partir da existência de áreas verdes vazias nas cidades em desenvolvimento, de sua presença nos planos urbanísticos e, também, da tendência contemporânea que reivindica áreas verdes destinadas ao lazer nas cidades” (DE PAULA, 2017 p. 56). Macedo e Sakata (2010) ainda enfatizam que tem aumentado nos últimos anos a realização de movimentos populares na luta pelos direitos a espaços de lazer.

Remontando na questão histórica, o primeiro projeto de parque urbano do mundo ocidental feito com financiamento público foi o Birkenhead Park, aberto em 1847 com projeto desenvolvido por Sir Joseph Paxton, o qual veio em resposta às más condições de saúde pública decorrentes da Revolução Industrial (MOTTA, 2017). O projeto serviu de inspiração para muitos outros parques. Nas cidades do seculos XIX os parques passaram a se tornar um componente essencial para o planejamento urbano, sendo uma resposta lógica para as condições ambientais das cidades pós revolução (KOSTOF, 1992 apud SUN, 2008 p. 66).

Segundo Sun (2008), a importância dos parques urbanos no território americano começou a surgir em Nova York entre os anos de 1830 a 1850, após duas epidemias de cólera que afetaram a saúde pública. Os parques foram pensados com o intuito de descongestionar as cidades, e então, no ano de 1857 foi aberto o concurso para realização do projeto do Central Park, em que a proposta vencedora foi desenvolvida por Frederick L. Olmsted, administrador do parque na época, juntamente com o arquiteto Calvert Vaux (SUN, 2008).

O renomado paisagista da escola inglesa Andrew Jackson Downing foi um dos primeiros a defender os parques urbanos nas cidades americanas e exerceu grande influência sobre Olmsted e Vaux. Acreditava que o *landscape gardening* colaboraria para a construção de uma sociedade forte, vinculada a permanência no lugar, a ideia de um grande parque público, nos moldes de Birkenhead Park, além de fomentar benefícios econômicos contribuiria para civilizar o caráter nacional (LAURIE apud SUN, 2008). De fato, o central Park exerce grande função na cidade, favorecendo o desenvolvimento de grandes obras arquitetônicas nos seus arredores. A permanência das pessoas no parque é uma realidade conquistada, sucesso de

frequentação e um ícone de vitalidade (PANZINI, 2013).

Dentro do cenário brasileiro, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro que está aberto ao público desde 1819, regala-se na sua posição singular na história do Brasil, sendo o parque mais antigo em funcionamento e único sob administração federal desde o início (BEDIAGA, 2007). A população que frequenta o espaço pode perceber a atmosfera agradável, sentimento de tranquilidade, descanso e bem-estar a partir da contemplação de planta e animais, ou em ouvir o som dos pássaros e o murmúrio das águas, o espaço foi pensado visando a pesquisa, educação ambiental e conservação vegetal, um exemplo de preservação em meio uma cidade em grande ascensão (BEDIAGA, 2007).

Como pode-se perceber, a demanda de parques urbanos europeus e norte-americanos foram surgindo para suprir a necessidade de cada momento histórico, principalmente no século XIX onde a população se multiplicou rapidamente criando problemas de saneamento, e então o parque veio como solução para esses problemas, como um oásis, um lugar onde se encontraria ar puro (DE PAULA, 2017). No entanto, o Brasil não apresenta essa mesma motivação, visto que “o parque urbano brasileiro, ao contrário do seu congênere europeu, não surge da urgência social de atender às necessidades das massas urbanas da metrópole do século XIX” (MACEDO; SAKATA, 2010, p. 16).

Assim como afirma Arfelli (2004), os parques, praças e espaços verdes são ferramentas que visam o embelezamento das cidades, mas muito mais que isso, atuam como agentes sanitários, recuperando o meio ambiente dos poluentes, além de ser uma ferramenta que exerce o direito ao lazer. Loboda e De Angelis (2005) acreditam nos muitos benefícios que todos os espaços que integram o sistema verde das cidades exercem para o entorno, além de proporcionarem uma qualidade de vida ligada ao fato de ser instrumento de lazer, preservação ambiental e paisagismo.

Cabe aqui citar que espaço verde se difere de área verde, segundo Hijioka et al. (2007) área verde é um espaço que contém vegetação em solo permeável, enquanto espaço verde é um espaço estruturado por vegetação, porém não necessariamente contém solo permeável, o espaço verde sem solo permeável não possui a propriedade de reter a pluviosidade.

Para enaltecer a relevância do parque nas questões físicas, ambientais e sociais, Segawa (1996) relata que a criação dos parques públicos refletiu em diversas mudanças nos aspectos físicos e ambientais dos espaços, assim como também nas formas de “ver e ser visto [...], fazer-se público de sua presença, exibir pompa, ver homens e mulheres bem vestidos e bonitos, contar e ouvir novidades, assistir a apresentações musicais [...]” (SEGAWA, 1996, p. 46). Relações

que tem potencial de afetar positivamente a conduta das pessoas, na sociabilidade dos cidadãos, o que implica também no aceite de normas de conduta (DE PAULA, 2017).

2.2.1 Usos e Funções dos Parques Públicos Urbanos

Segundo Jacobs (1961), os parques podem ser considerados uma dádiva para a vida da população mais carente, mas analisando por outro ângulo, o parque pode ser também um local carente de vida e da aprovação da população. Pensando no contexto atual, a segunda colocação está mais de acordo, pois são as pessoas que conferem ao espaço alguma utilização e que fazem o parque ser um sucesso, ou então podem o condenar ao fracasso e ao abandono com o seu não uso (JACOBS, 1961). O uso do espaço verde pelas pessoas contribui para a saúde física, mental e social, visto que ele representa um elemento muito importante dentro do contexto de uma cidade densa e ocupada (DE PAULA, 2017). O espaço verde, quando bem aproveitado, atua diretamente na melhoria da qualidade de vida da população.

Como já citado, os parques podem ser elementos valiosos de um bairro, um triunfo para o seu entorno, porém, em oposição a isso, o que se tem são espaços urbanos ociosos e desvitalizados que são erroneamente chamados de parque, deixados a decadência, sem uso, destruídos e desprezados (JACOBS, 1961). Ainda como problemática, Jacobs (1961, p. 74) enfatiza que “os parques impopulares preocupam não só pelo desperdício e pelas oportunidades perdidas que implicam, mas também pelos efeitos negativos constantes”, como por exemplo, o vandalismo e criminalidade.

Apenas uma renovação do espaço público é capaz de desenvolver um novo padrão de uso, desmitificando a sua característica mais comum em boa parte das cidades que ainda é do seu espaço limitado, com obstáculos, poluição, ruídos, risco de acidentes e condições deprimentes, das quais os habitantes são sujeitos a encarar. Enquanto essa realidade não mudar, a tradicional função dos espaços públicos de local de encontro será reduzida, ameaçada e alguns casos até mesmo descartada (GEHL, 2013).

A incapacidade da população de desenvolver vínculos com um parque local deve-se a um conjunto de fatores negativos, como alguns já mencionados, mas decorre também da baixa diversidade de usos, pois se o objetivo é atrair mais pessoas, com propósitos e interesses diferentes é evidente que o parque deve ter elementos para essa generalização (JACOBS, 1961).

Segundo a análise de Jacobs (1961), um parque de uso genérico deve incluir quatro elementos: complexidade, centralidade, insolação e delimitação espacial, aspetos primordiais

para garantir a diversidade e estimular a vitalidade urbana. Para Jacobs (1961), a complexidade tem relação com os múltiplos motivos para frequentar o parque, sendo que a mesma pessoa pode ir em horários diferentes, por motivos diferentes:

[...] às vezes para descansar, às vezes para jogar ou assistir a um jogo, às vezes para ler ou trabalhar, às vezes para se mostrar, às vezes para se apaixonar, às vezes para atender a um compromisso, às vezes para apreciar a agitação da cidade num lugar sossegado, às vezes na esperança de encontrar conhecidos, às vezes para ter um pouquinho de contato com a natureza, às vezes para manter uma criança ocupada, às vezes só para ver o que ele tem de bom e quase sempre para se entreter com a presença de outras pessoas (JACOBS, 1961, p. 77).

A complexidade também está no “jogo visual”, com mudanças de níveis, perspectivas variadas e agrupamentos de árvores. O espaço não pode ser totalmente apreciado em apenas um passe de olhar, ou ele não será estimulante ou nem terá motivo para frequentá-lo mais de uma vez (JACOBS, 1961). Esse fenômeno pode ser visto na Washington Square de Nova York.

Outro elemento mencionado por Jacobs (1961) é a centralidade, que se trata de um local de destaque, um lugar que é conhecido popularmente como sendo o centro, elemento que também pode ser visto no chafariz rebaixado da Washington Square. Com uso intenso e criativo, essa é uma característica do uso dos centros dos parques, sendo que esse elemento pode servir de palco para as pessoas.

Sobre o aspecto insolação, Jacobs (1961) diz que o sol faz parte do cenário das pessoas, não desprezando uma boa sombra no verão, é claro, mas quando um edifício impede a exposição de sol em um parque, isso pode comprometer drasticamente sua ocupação. Esse problema é encontrado na Rittenhouse Square, em que determinado período do ano uma parte do parque fica completamente vazio, como relata Jacobs (1961, p. 79) “[...] o manto da grande sombra de um prédio de apartamentos recente funciona como um enorme apagador de seres humanos”. Outro aspecto importante dentro da insolação é sua capacidade higienista e dos benefícios que sua exposição proporciona para a saúde.

Embora as edificações atrapalhem na insolação dos parques, elas são importantes para sua delimitação espacial, criando uma definição do espaço, de forma que o destacam no cenário urbano, ou seja, delimitação espacial é como o espaço do parque se define em relação ao seu entorno (JACOBS, 1961). Em complemento, Gehl (2013), cita três critérios importantes para a qualidade dos parques, são eles: proteção, conforto e prazer.

Jan Gehl (2013) trata como fundamental o critério proteção, sendo que se essa questão não for levada em consideração não tem sentido observar outras qualidades. Segundo o autor,

em qualquer parque é essencial proteção contra riscos, ferimentos físicos, insegurança e influências sensoriais desagradáveis (GEHL, 2013).

Após garantida a segurança no espaço, Gehl (2013) diz que é preciso oferecer conforto e atrair as pessoas através de diversos usos, garantindo um lugar confortável para caminhar, sentar, conversar, entre outras, independente da estação do ano, sendo dia ou noite. Quando um parque atende ao critério de proteção e conforto com êxito, o critério lazer será aplicado com mais facilidade, festejar os confortos locais de forma segura já é por si só prazeroso, sendo assim possível garantir uma qualidade de vida para os usuários, que se trata de mais uma função do espaço público, assim como todos os usos possíveis a partir da adoção de todos os critérios elencados (GEHL, 2013). Completando ainda Jacobs (1961), um parque urbano com vitalidade é um parque onde as pessoas se sentem seguras e incluídas.

O Project For Public Spaces (PPS, 2015), criou uma metodologia onde compilou os critérios já mencionados por Jane Jacobs (1961) e Jan Gehl (2013) em quatro atributos chaves, visando que o espaço seja bem-sucedido e cumpra com sua função social (Tabela 01), com diagrama para avaliar o espaço público.

Project for Public Spaces (PPS, 2015) é uma organização sem fins lucrativos de Nova York - EUA, que tem como objetivo propagar práticas que tornem os espaços públicos vivos e pulsantes, educando e ajudando as pessoas a criar e manter seus espaços, tornando-os assim bem sucedidos, onde celebrações possam ser realizadas, onde ocorram trocas sociais e econômicas, sendo pontos de encontro entre amigos, independentemente da idade, gênero ou cultura, servindo como palco para a vida pública (HEEMANN; SANTIAGO, 2015).

Diante do exposto, salienta-se que o espaço público, para que cumpra com sua função social, deve ser vivido, não avaliado apenas por critérios físicos, pois suas funções devem prevalecer a sua forma, por isso a relevância do quanto o espaço é sociável e ativo. Outra questão importante é a produção efetiva do espaço, em que entram questões espaciais e ambientais, considerando se o lugar é acessível e confortável, não obstante, é somente com o atributo social, com a participação da comunidade que se atinge uma efetiva transformação do espaço urbano (MAIA; SILVA; ALMEIDA, 2018).

2.2.2 Desuso do Espaço Público e os Efeitos Colaterais da Tecnologia na Interação Social

O acesso à informação foi um processo que explodiu nos últimos anos, sendo que todos os aparelhos eletrônicos e meios de comunicação possibilitaram o contato facilitado com o

mundo todo. Nesse contexto, Gehl (2013, p. 26) levanta uma questão: “a função de ponto de encontro do espaço da cidade pode ser assumida pelo conjunto de opções eletrônicas?”.

As cidades têm se transformado em paraísos tecnológicos, falsas benesses são ofertadas aos seus cidadãos o tempo todo, coisas simplórias, porém importantes para a formação da sociedade como crianças brincando e lugares de encontro, estão se extinguindo, nas praças apenas o concreto prevalece, aos poucos as pessoas vão perdendo suas referências (CARLOS, 1992). O emuralhamento da vida social; e o crescimento das ilhas utópicas” foi citado por Gomes (2002, p. 176), indicando com isso o denominado afastamento dos espaços públicos, sendo tratado como um efeito do mundo da tecnologia.

Uma questão abordada por Santos (1997, p. 48), é que “as cidades são criadas para a economia e não para os cidadãos”. Essa característica das cidades tem reduzido o espaço público, que contribui para o individualismo e o anonimato entre os cidadãos da mesma sociedade (SANTOS, 1997). A falta da convivência entre a vizinhança e o contato social faz com que se afirme a colocação de Gomes (2002), o qual expõe que as pessoas se isolam nas suas ilhas utópicas e a tecnologia preenche o papel da interação com o meio externo, sem necessitar o contato direto com pessoas.

Uma possível causa do desinteresse aos espaços públicos é dita por Pereira Leite (1997 apud LOBODA, DE ANGELIS, 2005, p. 136), em que caracteriza essa renúncia por uma série de circunstâncias e fatos: as pessoas de classes mais altas possuem seus próprios espaços privados de lazer, enquanto nas classes mais baixas muitas vezes é impossível participar de práticas culturais públicas, situação ocasionada pela falta de segurança em seus parques e praças “desocupados”, e o temor da população principalmente ao anoitecer, muitas vezes há também a falta de condições intelectuais para que se disponha a participar de atividades culturais. Como diz Patlajan (1978) na linha de pensamento sobre urbanização e lazer:

O lazer deveria ser elemento enriquecedor das atividades obrigatórias e, como função básica, teria de oferecer possibilidades para que o homem se integre e utilize da melhor maneira o espaço que o ambiente lhe oferece, ou seja, não precise dele fugir, entrando no espaço das telecomunicações (cinema, televisão, etc.). (PATLJAN, 1978, p. 43).

Assim, a cidade apresenta um cenário fragmentado e desorganizado, em que os espaços públicos são deteriorados e levados ao abandono enquanto os espaços privativos são defendidos fortemente (LOBODA; DE ANGELIS, 2005).

2.2.3 Parques Urbanos em Chapecó

Sendo o objeto de estudo localizado no Município de Chapecó, é de fundamental importância tomar conhecimento da infraestrutura urbana existente na cidade, para melhor assimilar a dinâmica entre os espaços verdes e então elaborar a proposta do Parque Palmital Magro (FARR, 2013).

Pensando na questão urbana, é relevante trazer o contexto de como essa organização começou. O processo de urbanização de Chapecó foi marcado pela industrialização e a migração rural urbana, como aconteceu em grande parte do território nacional por volta de 1980 (PINA; DOS SANTOS, 2012). Esse processo aconteceu de forma rápida e intensa, o que culminou em problemas sociais, principalmente relacionados a infraestrutura urbana (NASCIMENTO; VILELLA, 2017). Nesse âmbito o parque tem grande importância para o desenvolvimento social, sendo elemento de grande potencial para minimizar impactos decorrentes da urbanização e industrialização.

Nucci (2008) menciona alguns indicadores que são alterados no processo de urbanização e estão diretamente ligados à qualidade de vida nos ambientes urbanos, dentre eles: clima, poluição atmosférica, poluição sonora, cobertura vegetal, áreas verdes e espaços livres. Como fator para que esses indicadores sejam favoráveis para a qualidade do ambiente urbano, as áreas verdes exercem um papel fundamental, agregam benefícios ecológicos para a cidade e proporcionam espaços de recreação e lazer para a população (PINA; DOS SANTOS, 2012).

No Plano Diretor de Chapecó de 1974, quando se iniciou a urbanização de forma mais intensa, era previsto um sistema de áreas verdes distribuídas em toda área urbana consolidada da época, onde seriam localizados parques, praças, centros comunitários, distribuídos também nos bairros periféricos, ligados por parques lineares nas margens de rios e córregos da cidade, porém, eram apenas diretrizes e não se apresentavam como texto jurídico dentro do plano diretor. Apesar deste ter sido aprovado pela Lei nº 068/1974, as diretrizes não foram colocadas em prática (RECHE, 2008).

Atualmente, em relação as áreas verdes destinadas a parques e praças de Chapecó, que pouco foi mantido do Plano de Desenvolvimento Urbano de 1974, o qual continha diversos espaços verdes na área central e entorno (área urbanizada na época). Em contrapartida, outros espaços foram adotados para esse fim, com várias praças consolidadas (podendo haver maior quantidade se contabilizado praças de menor porte e implantadas recentemente com os novos loteamentos que ainda não constam no mapa do município). Acerca dos parques, existem seis unidades no território urbano da cidade, dos quais um deles, o Parque Palmital Magro, é o objeto de estudo.

Parque das Palmeiras: situado no Bairro Parque das Palmeiras, sua configuração atual compreende uma área total de 40.463,80 m², com um pórtico imponente em concreto no acesso principal, seu interior contempla uma estrutura de churrasqueiras, mesas, vegetação menos densa composta por palmeiras nativas da região, academia a céu aberto e playground.

O parque faz divisa com alguns equipamentos públicos, como escola, igreja, CEIM Maria Helena Alves Chagas, centro comunitário e uma associação, possibilitando acessos alternativos. A acessibilidade do parque se apresenta inadequada, o mobiliário e equipamentos estão em situação precária, o que complica seu uso, além da falta de atividades. Apesar das deficiências, o parque possui um bom número de usuários, porém, a interação é dificultada pelo fato dos equipamentos estarem isolados uns dos outros. Sendo assim, o Parque Ângelo Sartori é classificado como pouco acessível, pouco confortável, muito ativo e pouco sociável, atendendo desse modo parcialmente sua função social (MAIA; SILVA; ALMEIDA, 2019).

Parque Índio Condá (Verdão): situado no bairro Parque das Palmeiras, consolidado junto ao Complexo Esportivo Milton Sander, sua configuração atual compreende uma área total de 121.367,06 m² (MAIA; SILVA; ALMEIDA, 2019). Oferece estrutura para a prática de diversas modalidades esportivas, como pista para caminhada e ciclismo, espaço para passeio a cavalo, vôlei de areia, basquete, futebol, futsal, skate, Rugby e conta também com espaço destinado a cachorros, denominado Versão.

O acesso ao parque é beneficiado por sua localização em uma via estruturada e possui ponto de parada do transporte coletivo próximo ao acesso principal, porém, esse acesso não se apresenta de forma intuitiva e convidativa, por não estar visível, quem não conhece a região não consegue identificar que ali possui um parque e acaba passando despercebido. A acessibilidade no parque é deficitária, não contendo rampas ou caminhos que facilitem o deslocamento de pessoas com mobilidade reduzida, também não possui muito mobiliário, como bancos para repouso. Sendo assim, o parque Índio Condá, no seu contexto inserido junto com o complexo esportivo é considerado segundo os atributos chaves do PPS (2019), como sendo pouco acessível, parcialmente confortável, muito ativo e muito sociável, cumprindo parcialmente sua função social (MAIA; SILVA; ALMEIDA, 2019).

Ecoparque: situado no bairro Passo dos Fortes, sua configuração atual compreende uma área total de 42.182,53 m², destinado para a prática de atividades físicas, possui como estrutura academia a céu aberto, pista para caminhada e playground, banheiros, tudo em meio a vegetação. Atende também a atividade cultural, com palco para apresentações, anfiteatro e bancos distribuídos no local.

O parque tem seu principal acesso, pela Avenida Getúlio Dorneles Vargas, uma via bem estruturada. O desnível acentuado em algumas regiões e a falta de pavimentação prejudica a acessibilidade no parque. O mobiliário é ergonômico e apresenta boa conservação, a interação é afetada pela destinação do seu uso, que é mais voltada para exercícios e caminhadas, havendo mais interações quando promovido atividades culturais. Sendo assim, o Ecoparque se caracteriza parcialmente acessível, muito confortável, parcialmente ativo e pouco sociável, atendendo desse modo parcialmente sua função social (MAIA; SILVA; ALMEIDA, 2019).

Imagem 1. Eco parque.



Fonte: (Google).

Parque Alberto Fin: situado no bairro Paraíso, sua configuração atual compreende uma área total de 45.066,43 m², com diferentes usos, como esporte, lazer e contemplação, com seu principal acesso pela avenida Sete de Setembro. A acessibilidade do parque é inexistente, apesar de possuir estrutura precária ele é ativo e sociável, sendo mantido e zelado pela comunidade local, organizada em uma associação. Sendo assim, o Parque Alberto Fin é considerado como pouco acessível, parcialmente confortável, muito ativo e muito sociável, atendendo parcialmente sua função social (MAIA; SILVA; ALMEIDA, 2019).

Parque Palmital: situado no bairro Palmital, sua configuração atual compreende uma área total de 45.323,50 m², com um pórtico imponente em pedras no acesso principal, seu interior contempla uma estrutura de churrasqueiras, mesas, quadra de esportes, cancha de bocha e densa vegetação nativa, academia a céu aberto. É um espaço muito arborizado e bonito, proporcionando um ambiente bastante agradável para caminhadas e descanso. O parque faz divisa com alguns equipamentos públicos, como escola, igreja, centro comunitário e uma associação, possibilitando acessos alternativos. A acessibilidade do parque se apresenta

inadequada, o mobiliário e equipamentos estão em situação precária o que complica seu uso, poderia também apresentar mais atividades. Apesar das deficiências, o parque possui um bom número de usuários, porém, a interação é dificultada pelo fato de os equipamentos estarem isolados uns dos outros. Sendo assim, é classificado como pouco acessível, pouco confortável, muito ativo e pouco sociável, atendendo desse modo parcialmente sua função social (MAIA; SILVA; ALMEIDA, 2019).

Imagem 2. Parque Palmital.

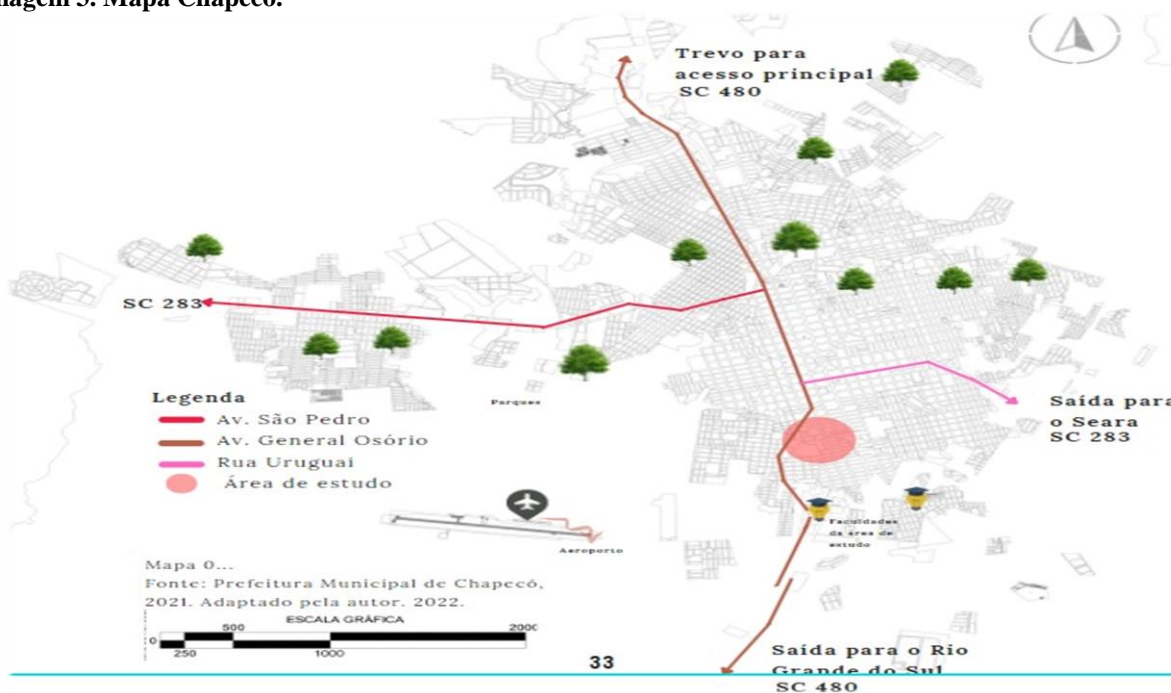


Fonte: (Google).

3 ANÁLISE URBANA

O terreno escolhido para o estudo está localizado no Oeste de Santa Catarina, no município de Chapecó. Está inserido no bairro Palmital e situa-se em uma área urbana de moradia - UM, próximo ao principal acesso da cidade na região sul. Sua localização favorece uma proposta de intervenção qualificada, pois fica próximo a áreas que possui mais residências familiares, e atende uma vasta gama de bairros na região sul do município.

Imagem 3. Mapa Chapecó.



Fonte: Prefeitura Municipal de Chapecó, 2021.

Imagem 4: Mapa aproximado do local .



Fonte: Google Earth, 2022. Adaptada pelo autor.

A imagem 3, refere-se ao mapa municipal de Chapecó com seus respetivo zoneamento, visando atender às normas urbanas exigidas a nível municipal através do Plano Diretor de Chapecó, Lei nº 541, de novembro de 2014, que dispõe sobre o Uso e Ocupação do solo. De acordo com a mesma, o terreno de intervenção encontra-se no zoneamento Área Urbana de ANAIS de Arquitetura e Urbanismo – ISSN 2527-0893

Moradia - UM (imagem ao lado). Porém o perímetro do parque está destinado a área verde. Os índices e parâmetros permitidos para a UM são:

A área de intervenção existe ainda uma ligação com a Av. General Osório com a Av. Irineu Bornhousen, uma via estrutural que faz conexão com o centro de Chapecó. As ruas do entorno são todas asfaltadas e com calçada, com energia elétrica, fornecimento de água potável, coleta de lixo e com desnível mais baixo na parte da Av. Irineu Bornhousen, e onde fica o parque fica em área plana. Os ventos predominantes são do nordeste e sudoeste. No perímetro do terreno existem vegetações, e próximo tem um curso de água existente. A área em estudo apresenta grande declividade em sua porção Noroeste, sendo cerca de 30 metros de desnível, da região da Av. Irineu Bornhousen até a Rua das Margaridas. A região central do terreno apresenta-se mais plana, local onde estão inseridas as quadras esportivas. Em relação ao terreno, existe uma grande área de vegetação e hoje é utilizada como trilha de caminhada.

Imagem 5. Corte A Perfil Terreno.



Fonte: Do Autor, 2023.

Imagem 6. Corte B Perfil Terreno.



Fonte: Do Autor, 2023.

O acesso principal se faz pela Rua Olinda, com um pórtico que demarca o acesso principal do parque. O local conta com área de estacionamento, parque infantil e playground, caminhos entre as árvores, um anfiteatro e um deck mais ao alto para contemplação da natureza. O parque ainda conta com outros acessos que o conectam a escola, comunidade e APAE, e dessa forma se integra a sociedade, possibilitando uma relação entre natureza e educação, natureza a educação ambiental. (Imagem 7).

Imagem 7. Praça Playground.



Fonte: Arquivo Pessoal.

O parque possui churrasqueiras, mesas, playground, quadra de esportes que se encontra em péssimas condições de uso, além de uma área arborizada com espécies nativas, proporcionando um ambiente agradável, mas os caminhos entre as árvores que estão em, mas, condições precisando de reparos. Ainda, próximo a entrada há uma escultura que representa Sr. Angelo Sartori, pioneiro da região, e a locomotiva a vapor utilizada no corte da madeira que simboliza a história do parque Palmital, situado a cerca de 04 km do centro.

Imagem 8. Caminhos e Espaços Entre as Árvores.



Fonte: Arquivo Pessoal

Imagem 9. Espaços com Churrasqueiras.



Fonte: Arquivo Pessoal

Imagem 10. Quadra Esportiva.



Fonte: Arquivo Pessoal

4 DIRETRIZES PROJETUAIS

4.1 PERFIL E DEMANDA

O Parque Palmital Magro será frequentado por usuários de todas as classes sociais, culturas, cor, raças, religião, condições e idades. O projeto de revitalização para o Parque Palmital Magro contém um programa de necessidades que atende a região e pessoas de todas as idades, entre eles, a comunidade, APAE, Escola Druziana Sartori, Creche Municipal Leãozinho, usos destinados a crianças como o playground e usos destinados a idosos como a academia ao ar livre, contando com um anfiteatro para pequenas apresentações ou até mesmo cultos religiosos, possuindo outras possibilidades de usos que contemplam todas as idades como: pista de caminhada, jardim sensorial, espaços de contemplação, entre outras.

Conforme dados coletados pela Prefeitura Municipal de Chapecó, a visitação diária do Parque Palmital Magro estimava-se em aproximadamente 150 pessoas por dia, incluindo

crianças e adultos. O mundo pós-pandemia, fez com que aproveitássemos mais nossa cidadania, aproveitando esses espaços para o lazer, diversão e interação social. Com o aumento do programa de necessidades e diversidade de usos do parque através do projeto de revitalização, a estimativa é que esta demanda dobre em dias de semana e triplique nos fins de semana.

O objetivo da revitalização do Parque Palmital é explorar melhor seu potencial, por isso o projeto visa atender as necessidades da população local e ainda potencializar o parque como parte da comunidade e não só um espaço de uso coletivo, através de reconhecimento na cidade e região, atraindo pessoas de outros bairros para frequentar e visitar o parque.

O projeto de Revitalização do Parque Palmital Magro busca resgatar a educação ambiental, pois essa massa densa de vegetação tem a função de ser um pulmão urbano. As árvores, gramados e lagos são a reserva de oxigênio plantada no interior do tecido urbano e servem como filtros para o ar que respiramos. Esses espaços também colaboram para demonstrar a importância de áreas verdes para as cidades. Isso contribui para a preservação da mata auxiliar das áreas de APP, permitindo a interação da comunidade com a natureza.

A proposta conceitua-se em duas palavras Interação e Permeabilidade. A interação significa influência mútua ou inter-relacionadas, ação mútua ou compartilhada. A permeabilidade tem como capacidade de absorver, ser permeável, permitindo a interação necessária entre os espaços do parque e da cidade.

4.2 APRESENTAÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO

A área de intervenção escolhido para o estudo representa um Parque local já consolidado está localizado no Oeste de Santa Catarina, no município de Chapecó. A área está inserida no bairro Palmital e situa-se em uma área urbana de moradia - UM, com área superficial de 45.329,19 m², próximo ao principal acesso da cidade na região sul. Sua localização favorece uma proposta de intervenção qualificada, pois fica próximo a áreas que possui mais residências e atende uma vasta gama de bairros na região sul do município.

Imagem 11. Topografia Mapa Geoprocessamento Chapecó.



Fonte: Adaptado pelo Autor.

Analisando a imagem 11, topografia do terreno é possível observar que da cota 690m até a 710m tem-se um desnível de aproximadamente 20m. A fim de garantir a acessibilidade, a solução foi aproveitar algumas cotas de nível existente do próprio terreno para fazer as ligações entre as partes, deixando o empreendimento acessível e minimizando o impacto ambiental.

Imagem 12. Orientação Solar.



Fonte: Do Autor, 2023.

Nesta implantação mostrada na imagem 12, observa-se que o nascer e o por do sol fica visível na cota maior, onde se localiza o acesso a passarela elevada que proporcionará uma visão espacial ampla do parque e do local. Já na parte inferior aonde se situa o anfiteatro, foi deixado uma área de menos sombreamento, para poder flexibilizar o uso dessa área, podendo ser utilizada no verão e no inverno. Ainda, a área calçada ao redor do anfiteatro oferece uma porção mais aberta para contemplação e apreciação do sol.

Imagem 13. Implantação, Acessos e Caminhos.

Fonte: Do Autor, 2023.

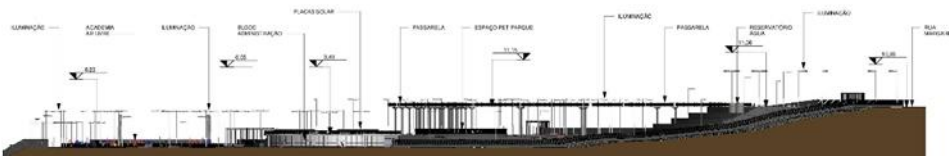
Na imagem 13, os acessos existentes foram mantidos e foi acrescentado mais três acessos nas laterais, sendo eles; da E.E.B Druziana Sartori, A.P.A.E e pela Rua Margarida. O intuito da criação desses novos acessos é integrar ainda mais a proposta e enfatizar o propósito de o parque ser uma extensão para a elaboração de atividades lúdicas com os alunos e com a comunidade. Seu caminha mento pelo parque se faz por todo seu perímetro, tendo uma extensão de aproximadamente 900 metros, possuindo mais caminhos alternativos no seu interior, podendo chegar a trilhas de aproximadamente 1.500 metros.

Imagem 14. Perfil Terreno.

Fonte: Do Autor, 2023.

Através da imagem 14, com os cortes é possível observar o perfil do terreno e o desnível da cota maior para a cota menor. Assim, a distribuição dos elementos do parque foi pensada para aproveitar a topografia, possibilitando diferentes espaços que se diferenciam pelos seus níveis, mas se conectam através de elementos como as passarelas, rampas e escadas.

Imagem 15. Perfil Terreno Corte A.



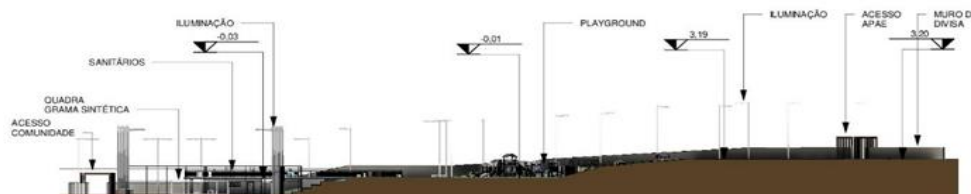
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Imagem 16. Perfil Terreno Corte B.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Imagem 17. Perfil Terreno Corte C.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Conforme podemos visualizar na imagens 15, 16 e 17, o terreno possui um desnível grande, pensando em minimizar o impacto foi criado 4 níveis principais que eles se comunicão através de rampas, escada, piso inclinado, favorecendo a acessibilidade e que se comunicão.

Imagem 18. Guarita.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A Guarita representada na imagem 18, com área de 15,45 m² esta situado na Rua Olinda, acesso principal do parque, com portico e pé direito amplo favorece o acesso de veiculos de manutenção, com cobertura verde a presença de sistema geração de energia solar e reaproveitamento das águas pluviais minimizando os impactos ambientais.

Imagem 19. 3D Bloco administrativo.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O Bloco Administrativo representado na imagem 19, com área superficial de 767,55 m², setá situado proximo a entrada principal pela Rua Olinda, inseria no nível 3 comporta um lobby amplo com salas de oficina, biblioteca, setor administrativos e salas de apoio para ser trabalha como extensão de alguns serviços públicos, sua cobertura se comunica com o nível 2 sendo acessivel aos frequentadores, também se faz presente o uso de sistema geração de energia solar.

Imagem 20. 3D Ponto de onibus.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Na imagem 20, o ponto de ônibus se interliga com o parque se tornando um acesso e também um ponto de suma importancia, aonde se reune pessoas.

Imagem 21. 3D Anfiteatro.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O anfiteatro representado na imagem 21, localizado no nível 3 da proposta situado no centro do parque vem com o intuito de reunir todos os visitantes do parque por estar em uma cota favorável e visível a todos que estão no parque levando suas atenções para ele, podendo ser um palco para apresentações, cultos religiosos ou trabalhos para incentivar a cultura local, com platos que servem como arquibancada em meio a vegetação favorecendo uma área sobreada para seus espectadores.

Figura 22: Imagem Ilustrativa 3D Rampa Acesso nível Quadras Esportivas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A imagem 22, ilustra a rampa e escada que interliga o nível 3 com o nível 4, favorecendo a acessibilidade, com estar social em cada patamar sendo convidativo a uma parada para apreciar a vista do parque.

Figuras 23: Imagem Ilustrativa 3D Área de Lazer Parque Palmital.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Na imagem 23, temos o nível 4 aonde situa a quadras poliesportiva, quadra de grama sintética, quadra de areia e o bloco de sanitários, local amplo para a prática de esportes diversos com infra estrutura adequada para seu frequentadores.

Figuras 24: Imagem Ilustrativa 3D Passarela Elevada.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A imagem 24, temos a passarela elevada, principal ponto de visitação por estar sobre o parque tras uma vista impar tando do anfiteatro como de todo o parque, o intuito da implantação desta proposta é trazer as pessoas para mais proximo do parque, aonde podemos trabalhar a educação ambiental e servem de abrigo para a fauna e flora da cidade como passáros, pequenos répteis e maníferos, além da preservação de espécies nativas. O contato com a natureza estimula o lazer e as atividades físicas que trazem diferentes beneficios psicologicos, sociais e físicos como, por exemplo, a redução do sedentarismo e o estresse, e também ajudam a combater a poluição favorecendo a biodiversidade no núcleo das grandes cidades e facilitam o controle da temperatura e da umidade.

Figuras 25: Imagem Ilustrativa Geral do Parque Palmital



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A imagem 25 nos mostra uma vista espacial mais ampla das dos níveis 3 e 4, aonde se situa o anfiteatro e a área de estacionamento e uma visão mais ampla da dimensão do parque, favorecendo a pratica de atividades diversas e ainda uma ampla área de lazer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O parque urbano apresenta fundamental importância para a sociedade, visto que é um espaço público capaz de proporcionar inúmeras benesses a população, porém, oposto ao que se deseja, diversos espaços ainda não apresentam condições adequadas para que cumpram de fato com sua função social. Sendo assim, a revitalização de parques urbanos se mostra de grande importância para proporcionar transformações individuais e sociais.

A problemática levantada pela pesquisa questiona como criar um espaço público que a população se aproprie e venha a zelar pelo local, de forma a fazer deste um instrumento de saúde, lazer e educação. Com base nos estudos feitos, destaca-se que existindo a participação popular no processo, existe uma eficácia maior em restabelecer uma conexão amistosa com o espaço, e com isso o espaço destinado para o público possui elementos onde os mesmos serão usados e cuidados pelas pessoas. Como consequência do envolvimento da população no resultado final, as pessoas se sentem parte integrante do espaço, se identificando ao ver sua contribuição aplicada, assim desenvolve-se o sentimento de pertencimento e zelo, gerando o envolvimento social e a vitalidade do espaço, promovendo benefícios reais a essa população.

REFERÊNCIAS

ARFELLI, A. C. **Áreas verdes e de lazer: considerações para sua compreensão e definição na atividade urbanística de parcelamento do solo**. Revista de Direito Ambiental, São Paulo, v. 9, n. 33, p. 33-51, jan./mar. 2004.

BEDIAGA, B. **Conciliar o útil ao agradável e fazer ciência: Jardim Botânico do Rio de Janeiro 1808 a 1860**. História, Ciência e Saúde, Manguinhos, v. 14, n. 4, p. 1131-1157, 2007.

BENEVOLO, Leonardo. História da cidade. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo, Hucitec, 1996.

DE PAULA, Daniela. **Usos e Desusos dos parques urbanos contemporâneos: Estudo de Caso Parque da Cidade- Serra/ES**. 2017.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2017.

DESCUBRA CHAPECÓ. **Parque das Palmeiras**. Disponível em: <<https://www.descubrachapeco.com.br>>. Acesso em: 15 de março de 2022.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FARR, Douglas. **Urbanismo Sustentável: desenho urbano com a natureza**. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

GEHL, J. SVARRE, B. **A vida na cidade: como estudar**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. 173 p.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HEEMANN, J.; Santiago, P. C. (2015) **Guia do espaço público: para inspirar e transformar**. Brasil: Conexão Cultural. Disponível em: < <http://www.placemaking.org.br/home/wpcontent/uploads/2015/03/Guia-do-Espaço-Público1.pdf> >. Acesso em: 10 fev. 2022.

HIJIOKA, Akemi et al. **Espaços livres e espacialidades da esfera de vida pública: uma proposição conceitual para o estudo de sistemas de espaços livres urbanos no país**. Paisagem Ambiente: ensaios. São Paulo, n. 23 - p. 116 – 123, 2007.

JACOBS, Jane. **Morte e vida nas grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1961. 510 p.

LOBODA, Carlos Roberto; DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingues. **Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções**. *Ambiência*, v. 1, n. 1, p. 125-139, 2005.

MAIA, M. L. (2018) **Proposta de um instrumento para avaliação da qualidade do ambiente físico de academias ao ar livre**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pósgraduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Estadual Paulista, Bauru.

MACEDO. Silvio Soares. **Paisagismo brasileiro na virada do século: 1990-2010**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

MACEDO, Silvio Soares.; SAKATA, Francine Gramacho. **Parques urbanos no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. **Espaço livre: objeto de trabalho**. Paisagem Ambiente: ensaios. São Paulo, n.21, p. 175-198, 2006.

MORAGAS, Rosana Alves Ribas.; MORAGAS, Washington Mendonça. **Revitalização dos espaços públicos de lazer: Exemplo do Parque das Andorinhas- Presidente Prudente- SP/ Brasil**. Observatório Geográfico da América Latina, n. 14, 2007.

MOTTA, Regina. **Parques urbanos do Mundo**. 06 de novembro de 2017. Disponível em: < <https://paisagismodigital.com/noticias/?id=parques-urbanos-do-mundo-&in=520> > Acesso em: 22 março 2022.

NASCIMENTO, Ederson; VILELLA, Ana Laura Vianna. **Chapecó em foco: textos e contextos sobre o espaço urbano regional**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. 597p.

NUCCI, João Carlos. **Qualidade ambiental e adensamento urbano**: um estudo de ecologia e planejamento da paisagem aplicado ao distrito de Santa Cecília (MSP). 2. ed. Curitiba, 2008. 150p.

PANZINI, Franco. **Projetar a natureza**: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2013.

PARK, Robert Ezra. **A cidade**: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otavio Guilherme (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 26 - 67.

PATLAJAN, Thelma. **Urbanização e lazer**. In: Cadernos de Lazer. São Paulo, n.3, p.39-50, 1978.

PINA, José Hermano Almeida; DOS SANTOS, Douglas Gomes. **A influência das áreas verdes urbanas na qualidade de vida: o caso dos Parques do Sabiá e Victório Siquierolli em Uberlândia-MG**. Ateliê Geográfico, v. 6, n. 1, p. 143-169, 2012.

PPS, 2015. Disponível em:
https://www.pps.org/about?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br
Acesso em: 06 maio 2022.

RECHE, Daniella e SUGAI, Maria Inês. **A influência do capital agroindustrial na distribuição sócio-espacial urbana do município de Chapecó no sul do Brasil**. In: X Coloquio Internacional de Geocrítica. Universidade de Barcelona, 2008.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997

SANTOS, Milton. **Espaço do Cidadão**. 3.ed. São Paulo: Nobel, 1997.

SEGAWA, H. M. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Fapesp, 1996.

SUN, Alex. **Projeto da Praça**: convívio e exclusão do espaço público. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

VALENTINI, Daiane Regina. O ordenamento territorial como agente de produção da forma urbana e do sistema de espaços livre no município de Chapecó- SC: Análise da legislação urbanística municipal de 2004 a 2014 através de mapeamento por geoprocessamento. Santa Maria, 2015.